

Antigüidade Clássica, Safo de Lesbos e Lesbianismo: historiografia e memória
Graduanda Letícia B. R. Leite (Bolsista CNPq)
Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas
(IFCH/Unicamp)

Resumo: Nosso trabalho de iniciação científica traz como sua proposta nuclear uma análise relativa a uma historiografia que deu lugar à discussão em torno da (homo) sexualidade da poetisa arcaica Safo de Lesbos. Nessa perspectiva, para melhor analisarmos os mecanismos que deram lugar a essa memória, consideramos como pontos relevantes de reflexão: as noções em torno da sexualidade enquanto construto de identidade, assim como, das noções de relações de gênero que têm perpassado a história e a historiografia. Desembocando ainda, em inquietações relativas a modos de leitura da lírica de Safo.

Nossa pesquisa foi desenvolvida com o objetivo nuclear de realizar uma discussão que parta de uma leitura crítica de uma historiografia que acabou por trabalhar e (re)criar uma “grande questão”¹ em torno da (homo)sexualidade da poetisa arcaica Safo de Lesbos. Nessa perspectiva analítica, em especial no que diz respeito às duas últimas décadas, uma série de trabalhos se encarregou de tratar da questão em termos das memórias que foram criadas em torno da poetisa de perspectivas múltiplas e bastante instigantes. Duas coletâneas de artigos editadas por Ellen Greene: *Reading Sappho* e *Re-reading Sappho*², merecem nesse contexto, uma atenção muito especial. Tratam-se de coletâneas que reuniram artigos que nos ajudaram não apenas a apreender melhor nosso viés analítico, como nos atiraram para questões outras, as quais apontaremos mais adiante.

A proposta de pesquisa acabou por nos colocar uma série bastante instigante de desafios, que de diferentes formas, perpassam qualquer trabalho de pesquisa histórica no que tange às relações que vão se construindo entre objetos e interpretações, na

¹ Para uma definição das discussões em torno do lesbianismo associado a Safo de Lesbos como uma “grande questão” ver LARDINOIS, André “Safo lesbica e safo de Lesbos”, in Bremmer, Jan, *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*, Campinas: Papyrus, 1995, pp. 27-50.

² GREENE, Ellen (ed.), *Reading Sappho: contemporary approaches* e *Re-reading Sappho: reception and transmission*, Berkeley: University of California Press, 1996.

medida em que diferentes épocas recorrem a eles. No nosso caso, tentar analisar alguns mecanismos de memória em torno da (homo) sexualidade de Safo, na medida em que vem sendo feita, nesses termos, pelo menos desde o final do século XVIII, têm nos demandado considerável volume de leituras. Leituras que mantenham uma perspectiva de perseguir os contatos e desencontros entre algumas nuances de percepção da sexualidade e das relações de gênero, enredados ainda, em torno de construções identitárias e do seu trato pela ciência histórica.

Nesse sentido, interessa-nos a dilatação de temáticas e métodos a reboque do que se constituiu sob a ampla denominação de História Cultural³. Pois, na medida em que tangenciamos aspectos de escrita e reescrita da história, torna-se premente a preocupação relativa à demarcação dos lugares de onde estamos falando.

Assim, ao procurarmos entender a retomada de uma poetisa antiga e de sua ilha como uma espécie de lugar original e por isso, apto a dar nomes a uma “prática” sexual: o lesbianismo⁴, torna-se premente evidenciarmos nosso percurso. Isso porque, se o desenvolvimento de trabalhos médicos relativos à sexualidade humana toma como espaço de excelência o século XIX⁵, a ciência histórica que nesse mesmo período vai assentando suas bases, volta-se, sobretudo para o que escreverá como seus grandes heróis e suas respectivas esferas públicas de ação.

Explica-se assim, nossa preocupação em realizar leituras que se debrucem sobre movimentos feministas e suas reivindicações críticas não só na busca de direitos políticos mais imediatos, como na crítica profunda que passa a realizar das noções que regem as relações sociais. No que tange à história, podemos apontar os desafios colocados por uma busca de sua reescrita que as insiram. E nessa tentativa de escrevê-las e inscrevê-las, podemos apontar o desenvolver da categoria gênero como busca de uma inovação teórica relacional e historicizante.

³ Para um balanço relativo à História Cultural e suas múltiplas contribuições ver: BURKE, Peter, *O que é História Cultural?*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

⁴ Como sinônimo para o termo lesbianismo, ver também o substantivo safismo.

⁵ Como referências para discussões críticas em torno da investigação e escrita da sexualidade humana em termos de normas e desvios ver: COSTA, Jurandir Freire, *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*, São Paulo: editora Escuta, 1995; FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber*, São Paulo: Graal, 2003; HEKMA, Gert, “Uma história da sexologia: aspectos sociais e históricos da sexualidade” in BREMMER, Jan (org.), *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*, Campinas: Papyrus, 1995, pp. 237-263.

Falar de “feminino” traz sempre, explicitamente ou não, falar de “masculino”, dentro dos mais variados traços que essas noções vão assumindo no decorrer da história. Podemos ainda dizer que, falar de homens e mulheres relaciona-se com noções de sexualidade que vêm a ser colocadas como inseridas nos debates historiográficos às expensas de todos esses questionamentos sociais.

Para manutenção e para questionamentos sociais, torna-se necessário em alguma medida, noções de origem e de rupturas com alguma tradição, um passado que funcione como base comparativa. Nesse sentido, a escrita da Antigüidade tem se destacado enquanto fonte legitimadora e adequadamente distante como exemplo e como contra-exemplo. No caso de Safo e de sua (homo) sexualidade e reivindicações dos feminismos, a poetisa seria um exemplo fascinante de uma “voz feminina” em meio a uma documentação masculina.⁶ Uma voz fragmentada, transmitida e traduzida por meio de tradições literárias múltiplas.

Logo, percebendo os lugares variados em que as problematizações historiográficas têm se colocado ao debater a “grande questão” de Safo, um traço bastante comum à historiografia trabalhada é a pouca atenção dada ao que podemos considerar como fontes primárias ao se buscar uma aproximação com a poetisa: sua poesia. Pois, se é certo que grande parte da memória em torno de Safo desde a Antigüidade, deve-se à qualidade de sua obra, podemos afirmar que o mito em torno de sua figura acabou em grande parte dos momentos por girar em torno daquilo que a mesma supostamente mostrava e escondia enquanto mulher.

O que queremos dizer é que, embora lendo criticamente uma tradição que retomou Safo e acabou por moldá-la aos anseios e problemáticas contemporâneos a cada um dos períodos que a revisitou, muitos trabalhos parecem retomar a obra da poetisa da premissa que “confunde” eu-lírico e eu autor.

Nessa perspectiva, vale atirmos nossa atenção para a observação de Greene de que a explosão de interesse por parte dos estudos feministas e mais recentemente, aqueles que tomam por base teorias de gênero em relação a Safo, só ganha impulso,

⁶ Para uma discussão acerca das possibilidades de se ouvir uma voz feminina para Safo ver as discussões contidas em SKINNER, Marilyn, “Women and language in Archaic Greece, or, Why is Sappho a Woman?” in GREENE, Ellen (ed.), *Reading Sappho: contemporary approaches*. Berkeley: University of California Press, 1996, pp. 175-192.

depois da publicação, em 1955, da primeira edição tomada como definitiva dos fragmentos de Safo: o *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*, editado por Edgar Lobel e Denys Page.

Assim, a procura por perceber as retomadas da herança clássica como base de memórias legitimadoras no âmbito de suas rupturas e continuidades com aqueles que a revisitam, só nos parece um objetivo possível e plausível, na medida em que consideramos, os aspectos teóricos e metodológicos que tem perpassado os processos de escrita da história, abrindo espaço ainda, para os problemas teóricos e metodológicos se restringiriam a outros campos de estudo. Aqui, portanto, referimos-nos à necessidade de não ignorarmos as relações de estabelecimento e interpretações que vêm se acumulando sobre os fragmentos sáficos das perspectivas de estudos literários póstumos:

“Uma vez que Safo se insere entre os líricos gregos arcaicos cuja produção chegou aos nossos tempos e sua poesia foi associada, quase sempre, a uma idéia de *lírca* ‘romântica’ ou ‘hegeliana’, é preciso desembaraçar, tanto quanto possível, essa designação-tornada sinônimo de emocional, subjetivo, confessional, pessoal - da pesada carga semântica que lhe foi lançada às costas para que estejamos aptos a considerar a lírica sáfica com olhos menos comprometidos e sugestionados, mais limpos, distanciados e cômnicos de conceitos em nós introjetados e que podem levar a uma visão redutora, deslocada ou até equivocada da lírica grega.”⁷

Creemos que assim, atentando para perspectivas analíticas mais plurais, estivemos mais aptos a alcançar o objetivo nuclear de nossa pesquisa e a nos dispor a perspectivas outras de olhares para a antiguidade que vem sendo escrita pela historiografia, assim como para suas fontes.

⁷ RAGUSA, Giuliana, *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo*, Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 26.

Referências bibliográficas:

BURKE, Peter, *O que é História Cultural?*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, J., *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CAMPBELL, D. A.(ed.), *Greek Lyric I- Sappho and Alceus*, Cambridge: Harvard University Press, 1990, [1^a ed.: 1982] The Loeb Classical Library.

COSTA, Jurandir Freire, *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*, São Paulo: editora Escuta, 1995

FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber*, São Paulo: Graal, 2003.

GREENE, Ellen (ed.), *Reading Sappho: contemporary approaches*. Berkeley: University of California Press, 1996.

_____, *Re-reading Sappho: reception and transmission*, Berkeley: University of California Press, 1996.

HALL, Stuart, “Quem precisa de identidade?”, in SILVA, Tomaz, Tadeu da (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 2000, pp.103-133.

Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

HAVELOCK, Eric A., “O oral e o escrito: uma reconsideração”, in *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, pp. 11- 44.

HEKMA, Gert, “Uma história da sexologia: aspectos sociais e históricos da sexualidade” in BREMMER, Jan (org.), *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*, Campinas: Papirus, 1995, pp. 237-263.

JENKIS, Keith, *A História Repensada*. Tradução Mario Vilela, São Paulo: Contexto, 2001.

LARDINOIS, André, “Safo lésbica e safo de Lesbos” in BREMMER, Jan (org.), *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*, Campinas: Papirus, 1995, pp. 27-50.

LE GOFF, Jacques, “Memória”, in *História e Memória*, Campinas: Editora da Unicamp, 2003, pp. 419-476.

RAGUSA, Giuliana, *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo*, Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

SCOTT, Joan Wallach, “Gender: a useful category of historical analysis, in *Gender and the Politics of History*, New York: Columbia University Press, 1998, pp. 28-50.

SKINNER, Marilyn, “Women and language in Archaic Greece, or, Why is Sappho a Woman?” in GREENE, Ellen (ed.), *Reading Sappho: contemporary approaches*. Berkeley: University of California Press, 1996, pp. 175-192.

